

Cristina Nobre

OS LUGARES DA ESCRITA EM AFONSO LOPES VIEIRA

1. *Só a arte é compreensível*

A ânsia da ideia que procura a forma,
quer som, mármore e cor e, num momento,
achada a forma, é alma, e nela ondeia.

A Palavra do homem, — sentimento
da vida que sentiu e que o rodeia, —
é pedra, cor, som, alma: é pensamento.

Eu senti: e aqui vai, muda e vivida,
— pobres palavras ditas em torpel, —
a pobre escrita em que falei da Vida:

Escrever, é falar-se no papel.

Ar Livre (1906), p. 7.

Escrever foi um acto de respiração essencial a Afonso Lopes Vieira.

Toda a sua vida, desde a meninice aos últimos anos, foi condicionada pela actividade intelectual e pelos exercícios artísticos, numa visão estética fundamental e fundacional de toda a obra do escritor.

Educado na riquíssima biblioteca do tio-avô, António Xavier Rodrigues Cordeiro, estudante em Coimbra com a fina flor do seu tempo, recebendo aulas particulares de Leite de Vasconcelos na antiga Biblioteca Nacional, cercado por uma elite de artistas entre os quais viriam a estar os amigos *dignos de admiração* (Augusto e Leonor Rosa, Raul Lino, Viana da Mota, José de Figueiredo, Columbano Bordalo Pinheiro, Teixeira-Gomes, Eugénio de Castro, Adriano Sousa Lopes, Rui Coelho, Ivo Cruz, Aquilino Ribeiro, António Sérgio, Jaime Cortesão, Raul Proença, Vitorino Nemésio, Reinaldo dos Santos, José Maria Rodrigues, Joaquim de Carvalho, Carolina Michaelis de Vasconcelos...), a sensibilidade de Afonso Lopes Vieira vibrou sempre com tudo o que pudesse estar relacionado com a arte. Da literatura à pintura — retratado que foi por Columbano, Sousa Lopes e Eduardo Malta — passando pela música e pela fotografia, com uma incursão notável pelo cinema, nenhuma manifestação artística e cultural o deixou indiferente.

Para o escritor a Beleza definia-se como *uma fonte que faz sede*. Sedento de beleza, como Ruskin, bateu-se por uma educação estética que pudesse chegar a todos, planeando uma pedagógica e didáctica *Arte de Admirar*, em parceria com Reinaldo dos Santos. Cristalizou em si mesmo a ideia de que a *técnica dum artista é o esforço que ele emprega em encobrir o esforço da criação*, o que fez com que nele o natural e o artificial funcionassem como duas faces de uma mesma moeda. Cuidado até ao requinte do pormenor, nada foi deixado ao acaso, quer na sua imagem pública quer na atenção prestada à sua obra literária. Modelou-se e à sua obra, numa procura constante da perfeição estética, com um espírito de missão pela defesa dos valores da Portugalidade.

Esteta de si-mesmo, usufruiu de uma situação financeira de filho-família que lhe permitiu dedicar-se integralmente à causa da cultura portuguesa. A varanda da Casa de S. Pedro, em S. Pedro de Moel, presente de casamento do pai do escritor, serviu o sonho do *nobre arauto e mantenedor da cultura portuguesa* (nas palavras de Carolina Michaelis de Vasconcelos) e abriu-lhe a janela para o mar das *Ilhas de Bruma*.

Definiu-se como um *marinheiro em terra*, e a casa-nau foi o lugar de eleição para uma constante navegação pela arte portuguesa e o vivo impulso para a riqueza da sua oficina de escrita.

2. *A saudade dos objectos*

[...] Pensar, antes da hora da viagem,
que alguém apagará, indiferente,
o traço à margem que anotou um livro! [...]

"Amor eterno" in *Ar Livre* (1906), p. 179.

Na varanda da Casa de S. Pedro, transformada em altar da criação, Afonso Lopes Vieira leu, anotou, meditou, planeou, partilhou com os amigos, sonhou, escreveu e reescreveu, com disciplinado e árduo labor, grande parte da sua obra. Fumando cachimbo, deitava-se num divã, que baptizou de *tumular*, e compreendia o mundo através do filtro artístico. Muitas vezes através do monóculo, outras

com a ajuda da lente do binóculo, perscrutou os horizontes marítimos à procura desse *país de além* em que as suas raízes o mergulhavam. O relógio de sol orientou-o nessa busca de um mundo melhor através da arte, e o azulejo com Camões coroado de espinhos (e não de loiros...), com que brindou a fachada marítima da casa barco, é o símbolo exponencial das agruras do caminho artístico em prole da grei.

A casa, como um búzio, acompanha o *ex-libris* petrarquista do poeta — *or piango or canto* — numa simbiose perfeita com o refrão popular tão glosado por Lopes Vieira: *Minha alma é só de Deus / o corpo da água do mar*. Outro elemento iconográfico fundamental para perceber a estesia do escritor é a cruz de Cristo, arvorada numa bandeira que asteou em S. Pedro de Moel como emblema da cruzada pela nacionalidade, encastrada em azulejos nas sacadas da varanda, reproduzida nalguns dos livros finais e escolhida para cobrir a urna do escritor em 26 de Janeiro de 1946.

Na casa do Largo da Rosa, em Lisboa, na belíssima livraria que lhe serviu de gabinete de trabalho, Afonso Lopes Vieira recebia os amigos, dava algumas entrevistas à imprensa, almoçava frugalmente, lia compulsivamente e escrevia com regularidade e perseverança em maços de folhas avulsas gravadas com o seu *ex-libris*. Noctívago, apreciava o rumor do silêncio e compunha pela noite adentro. Sentado na sua poltrona predilecta, escrevia muitas vezes em cima de uma tabuinha dourada, com canetas escolhidas religiosamente, numa caligrafia desenhada e constantemente rasurada — numa luta sem tréguas pela harmoniosa perfeição da escrita, numa obsessão sem fim pelo texto definitivo.

Armado com lápis das mais variadas cores, escolhidos exaustivamente e seleccionados com rigor, o escritor fez da tinta roxa um idiosincratismo da sua estesia. Tendo começado por escrever predominantemente a preto, aos poucos as suas preferências elegem o roxo, transfigurando em cor visível o *roxo da tardinha* em que *abre a flor da Saudade*, e manchando indelevelmente os seus textos manuscritos e alguma da sua correspondência com a melancolia de um assumido saudosismo. As várias e belas facas de papel do escritor são apenas mais um dos apetrechos da escrita tratados com a pungente sabedoria de quem pressente a saudade que os objectos virão um dia a ter dos seus possuidores.

3. Chegar ao texto definitivo...

28. Gostava que os meus livros (os que menos me desconsolam) tivessem edições sucessivas, só para chegar ao texto definitivo, se o há.

"Breves Notas de um Estudante da Língua" in *Nova demanda do Graal* (1942), p. 299.

A obsessão pela reescrita marcou a produção de Afonso Lopes Vieira.

Perfeccionista, travando uma imensa batalha pela pureza da língua que moldava, nunca abandonou um texto antes de o julgar pronto, ou melhor, *definitivo*. Por isso os seus livros se podem dividir em duas categorias: aqueles que tiveram uma única edição em vida do seu autor; e aqueles que publicou sucessivamente, numa óbvia busca de aperfeiçoamento, resultado de um amadurecimento intelectual e de uma preocupação constante com a pureza da linguagem.

Entre os livros da primeira categoria encontram-se, por exemplo, *Ar Livre*, de 1906, nunca reeditado e praticamente renegado, ou as primícias poéticas, como *Para Quê?* (1897) e *Naúfrago. Versos Lusitanos* (1898), seleccionadas em 1904 num volume antológico de encerramento do seu ciclo poético coimbrão, mas que não volta a publicar individualmente.

Entre os livros da segunda categoria estão alguns dos textos mais bem amados pelo escritor, nos quais se prefigura uma busca do livro ideal. Acreditando na possibilidade de encontrar uma *edição bela mas sociável*, isto é, *sem o agressivo da raridade*, todos os aspectos do novo livro, desde o arranjo gráfico do conjunto à capa, passando pela escolha dos caracteres ou a selecção das gravuras e fotografias, a escolha do papel e a revisão tipográfica, eram limados e sofridos por Afonso Lopes Vieira até à exaustão. Esta postura explica a amizade que o ligou a alguns técnicos tipográficos, cujo trabalho respeitava como poucos.

No espólio de Afonso Lopes Vieira, legado por testamento à Biblioteca Municipal de Leiria, encontram-se alguns *exemplares de emendas*, designação encontrada pelo escritor para se referir ao exemplar sobre o qual trabalhava com minúcia, inscrevendo as alterações destinadas à próxima edição. O *exemplar de emenda* é um verdadeiro *unicum*, onde os métodos de trabalho do escritor se recortam, ao mesmo tempo que permite entrever as diversas fases da sua oficina de escrita, servindo ainda de indispensável instrumento para edições genéticas. Conhecem-se alguns casos paradigmáticos reveladores deste trabalho da reescrita de Afonso Lopes Vieira.

Do livro para crianças *Bartolomeu Marinheiro*, com uma primeira edição em 1912 e uma segunda em 1955, está recensado o *exemplar de emendas* de um particular, verdadeiro laboratório de escrita, onde as sucessivas alterações, as emendas e os acrescentos, destinados à 2.^a edição, foram sobrepostas manuscritamente à letra impressa, com a utilização de lápis de cor e sinais gráficos característicos do escritor, ou até, num evidente excesso obsessivo pela reformulação, em camadas de papel avulso colado sobre anteriores emendas.

O Romance de Amadis — adaptação de Afonso Lopes Vieira com a qual acreditava ter transformado um calhamaço numa flor, e que prezava como o *que de melhor* tinha feito — com a primeira edição em 1922, vai passando sucessivamente por outras duas edições, em 1926 e 1935, até à 4.^a edição, considerada *texto definitivo*, em 1942. Também os *exemplares de emendas* das sucessivas edições reúnem material precioso para uma edição genética da obra. Mas trata-se de um caso especial quanto ao rigor dedicado pelo escritor à escolha das miniaturas que ornaram as várias edições do romance, numa demonstração evidente do trabalho filológico, e de manuseamento dos exemplares castelhanos e franceses seiscentistas de *Amadis*. Entre os ferros de gravar conservados no espólio do escritor encontram-se alguns dos que serviram nestas edições, dando ao leitor do futuro uma noção muito clara da importância da dimensão estética atribuída por Afonso Lopes Vieira a cada um dos seus livros.

Com *A Paixão de Pedro o Cru*, com a primeira edição em 1940, a que se seguiria logo a segunda em 1943, o escritor dava conta de algum amadurecimento em relação ao seu entendimento pessoal do mito de Pedro e Inês e mostrava como a questão iconográfica ligada aos túmulos de Alcobaça, que tanta tinta tinha feito correr, era para ele tão fundamental quanto a simplificação da própria linguagem. O trabalho profundo revelado na escolha e alteração das vinhetas e capitulares, bem como no material fotográfico escolhido para acompanhar a edição, dá-nos hoje a consciência da complexidade envolvida na expressão *texto definitivo*.

Outros exemplos podiam ser aduzidos, no reforço desta ideia de constante reescrita e perfeccionismo que faz de Afonso Lopes Vieira um escritor oscilando entre a graça de julgar ter alcançado o texto perfeito e o desconsolo de recusar alguns por imperfeitos ou, ainda, a recusa de publicar os que considerou inacabados.

4. A intimidade da fonte primeira e obscura

Nenhum escritor, que eu saiba, enumerou ainda as obras que, no seu espírito entrevistas, vividas, acabadas, — apenas contudo por escrever, — lhe morreram assim como viveram, sem lograrem interiorização — ser factos. Seria curioso, para a história íntima dos espíritos, conhecer essas listas de mortes interiores, vagos sonhos planeados, , esvaídos pela evolução do ser que as gestou, ou varridas por um vento novo, ou esquecidas em pregas obscuras da alma para tornarem a tomar corpo, mais tarde, ou simplesmente evolucionando numa lenta e caminhante evolução até dispararem, um dia, numa obra já realizada, mas diversa da *outra*, sua fonte primeira e obscura... [...]

Notas Diversas — Maço I, frag. 210

Fragmentário é o nome que se pode dar à parte da obra manuscrita de Afonso Lopes Vieira que tem repousado inédita dentro da caixa de charão vermelho, legada à Biblioteca Municipal de Leiria pela sobrinha do poeta, Maria da Luz Wasa de Andrade.

Pouco se sabe de concreto sobre as intenções do escritor quanto ao futuro a dar a estes *papéis*, mas é legítimo aventar que os manuscritos chegados até nós resultem de uma selecção prévia ou do próprio Lopes Vieira ou, pelo menos, da sobrinha. Apontamentos vários, páginas de diário, esboços de livros, planos de memórias, ideias em germinação, anotações de viagens, conferências e discursos proferidos mas nunca publicados, rascunhos de poemas, pequenos recortes de papéis impressos com anotações manuscritas, alguns dactiloscritos, esboços de desenhos destinados a capa de livros, fotografias com dedicatórias, anotações à margem de livros, pedaços de papel com notas aforísticas... — uma amálgama de tudo isto e muito mais se pode encontrar nesse misterioso baú, qual intimidade suspensa na reserva do tempo.

Perfeito esteta e consciencioso homem de letras, Afonso Lopes Vieira teria percepção clara da mais valia destes materiais de escrita para o delineamento da sua imagem como escritor e para o futuro de uma história literária virada para a produção e recepção das obras literárias. Se rejeitou alguns destes documentos — por os considerar fragmentários ou inacabados, em desajuste gritante com a sua concepção de obra acabada e de texto definitivo — não os publicando em vida, terá também resistido a queimá-los, num gesto de preservação não isento de complicitades com a posteridade.

Entre a multiplicidade desses textos manuscritos, aqueles que têm um cariz literário emergente permitem-nos entrever uma *história íntima* de Afonso Lopes Vieira diferente da história oficial do escritor. *Fonte primeira e obscura* da obra publicada, a fragmentação dos inéditos mostra-nos um escritor diverso, irónico e crítico, por vezes tragicamente desiludido com a impossibilidade da sua nobre missão artística. Ainda aí, nesse espaço onde a surpresa do literário irrompe, os lugares da escrita permanecem imutáveis, numa sobrevivência para além do *País Lilás*.

Leia-se uma dessas frases como chave para uma diversa interiorização do escritor: *impossibilidade de harmonizar a nossa vida e o nosso sonho. Tristeza infinita dessa desarmonia. Necessidade de fazer vida-arte*. Neste lugar da escrita desenha-se um outro Afonso Lopes Vieira...

AFONSO LOPES VIEIRA
OS LUGARES DA ESCRITA
Frases temáticas (selecção de Cristina Nobre)

1. Fragmentos retirados do ms. inédito *Notas Diversas* [ND]:

- * Nada prejudica mais o escritor português do que ter ideias. O que convirá ao ambicioso da glória, é um idiotismo com ritmo.
 ND, maço I, frag. 165
- * O homem mais inteligente, mas que não tem sentimento estético, é um estúpido.
 ND, maço III, frag. 74
- * A vida dum artista é sempre interessante, — porque é sempre uma luta com o impossível.
 ND, maço III, frag. 112
- * O que deve ser o livro (a edição): bela mas sociável — bela mas para todos, sem o agressivo da raridade...
 ND, maço IV, frag. 56
- * Sem ti, que me lês, nada será a obra.
 O mais belo verso, lido mal *por querer*, será mau.
 ND, maço IV, frag. 233
- * O coração da ideia — eis a poesia.
 ND, maço IV, frag. 237
- * A técnica dum artista é o esforço que ele emprega em encobrir o esforço da sua criação.
 ND, maço V, frag. 121
- * O homem, acima de tudo, precisa para viver dar-se a *ilusão da fecundidade*.
 ND, maço V, frag. 125

**2. Frases retiradas do livro *Nova demanda do Graal,*
 "Breves Notas de um Estudante da Língua", (1942):**

- * 149. A Língua Portuguesa é semelhante àqueles dias de prata, no Outono, em que o surdo esplendor sobreleva ao das mais vivas cores da natureza. (p. 359)
- * 150. A Língua Portuguesa é aquela que nunca se chega a saber. (p. 359)
- * 147. — Aqui me tens, dúctil e nua, instrumento de que podes tirar todos os sons, paleta donde podes extrair todas as cores; é pedra viva o meu corpo: a questão é saber esculpir. À flor do Oceano e na concha rósea das orelhas de Vénus soou como a latina a fala que eu reço. Pois se os meus nervos semelham braçadas que sobem na luz! Aqui me tens: comigo canta, pule, pinta, lavra o Verbo...
 Assim diz a Sintaxe portuguesa. (p. 357)
- * 141. Entre tantos nacionalismos que se ostentam, marcham à militar e saúdam à romana, ainda se não lobriga o nacionalismo militante da Linguagem, a legião dos que jurariam falar e escrever *português*. (p. 353)
- * 132. Nasce-se com o sentido da Linguagem. Escusado querer aprendê-lo. (p. 350)
- * 84. Quando se é moço e se começa a escrever não se pode sentir quanto pesa a responsabilidade de usar a Linguagem que é herança — e a herança maior que recebemos. Porém, mais tarde, esse peso não sairá do espírito do autor bem nascido, ao recordar-se que, por sua vez, e por humilde que seja a parte que lhe respeita, também ele há-de legar a Linguagem que usou. (p. 326-7)
- * 85. Para um artista da Linguagem a consagração é a morte se não lograr evadir-se do cárcere dos loiros. Os nossos grandes escritores ficaram sempre moços porque só foram consagrados na cova. Camões foi soldado raso e o Padre Vieira, queimado em estátua. (p. 327)
- * 74. Quando queria louvar a beleza de uma obra de arte, José de Figueiredo exclamava: — Feito com nada! — É também *por nada* que uma linguagem é bela ao pé de outras em que se acumularam os *tudos*. (p. 322)
- * 28. Gostava que os meus livros (os que menos me desconsolam) tivessem edições sucessivas, só para chegar ao texto definitivo, se o há. (p. 299)
- * 5. Gaguejar a escrever é mais comum que a falar. (p. 287)
- * 6. Os únicos professores de gramática inteligentes e humanos são as mães. Todos os outros farão pasmar as gerações futuras ao considerar que tantas passadas gerações tiveram de decorar as *regras*. (p. 287-8)

* 1. A Linguagem é mulher: quer ser bem-amada; e quem a bem-amar há-de a sentir como ao corpo desejado que as mãos apalpa: — tateia-lhe músculos e nervos, corre-lhe o tecido da pele, adivinha-lhe o ritmo do sangue que bate impetuoso ou brando se aquieta, nela respira a flor do espírito que a anima.
E há-de sentir também fisicamente a repugnância das liguagens pegajosas. (p. 285)

3. Excertos de versos relacionados com a preferência pela cor roxa:

* [...] Na sussurrante e verde catedral
oiço rezar a alma de Portugal:
ela aí vem, dorida, e nos seus olhos
sonâmbulos de surda ansiedade
no roxo da tardinha,
abre a flor da Saudade; [...]

"Pinhal do Rei" in *Ilhas de Bruma* (1917), pp. 75-78.

* PRELÚDIO
Não tenho culpa, meu Deus,
de fazer versos assim;
pensando bem, não são meus,
são de alguém que canta em mim.

Alguém do Lilás País
do meu sonho, à luz violeta;
pensando bem, um poeta
é a voz por que um povo diz.

E o País Lilás se doira
no além da saudade plena...
— País Lilás, pátria loira
desta saudade morena.

Nostalgias da alma êxul,
canções do mais longe, além...
— País Lilás, que és também
Desterro Azul.

in *País Lilás, Desterro Azul* (1922), p. 11.